


Annibal Soares



Chronica

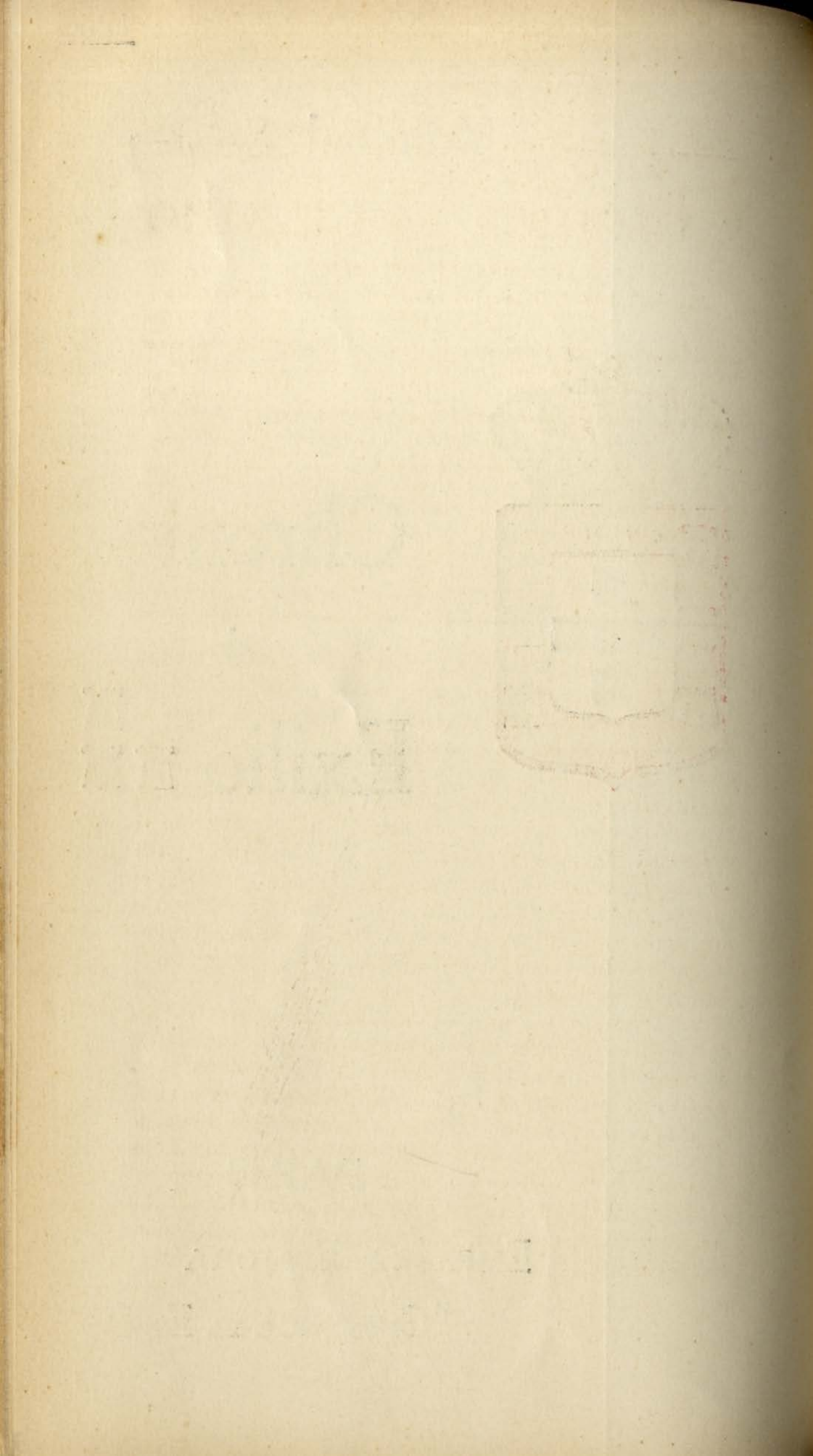
do

Exilio 

PARIS

EMPRESA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"



Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26


PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adeantado	Anno	Fr. 14
	Semestre	— 7.50
	Numero avulso	— 0.30

SUMMARIO :

A chamada crise politica. Insanavel cachexia do regimen.

O immenso estadista Leite, bosquejo da sua obra ministerial: tremeliques para a esquerda, mordedela para a direita.

Pé a mais ou bota a menos.

OMO todos os ministerios da Republica portugueza, este a que preside o potente Leite estava virtualmente demissionario desde a hora em que se constituiu. Essas irrisorias e esfrangalhadas *troupes* de paus-mandados da demagogia alfacinha, a que ali dão para os effeitos da representação exterior o nome de « governos », dir-se-ia que não nascem, com effeito, senão para terem occasião de morrer. Mas mesmo que só se queira dar a crise como posta a contar do momento em que aquelle consideravel estadista annunciou formalmente o proposito nefasto de se ir embora logo que lhe arranjassem successão, temos que ha um mez, a esta data, que a Republica procura baldadamente a maneira d'organisar, com apparencias de viabilidade, o seu quinto turno de bonecos do *pim-pam-pum* ministerial. Esta instabilidade dos governos e estas angustiosas difficuldades na formação d'outros que os substituam, costumam sobrevir nos regimens gastos ou n'aquelles que, apoz uma longa existencia regular, atravessam uma crise de transformação dos seus agrupamentos politicos. Este ultimo era o caso da Monarchia portugueza, em seguida á fragmen-

tação um pouco artificial dos dois velhos partidos dynasticos. Porém nunca houve regimen novo, provido de força vital — isto é, com estadistas, com uma razão de ser, com uma missão a cumprir e apoiado no assentimento nacional — que se tenha jamais debatido em tão caricata inanidade.

Os exemplos mais recentes e mais flagrantes d'uma ordem de coisas novamente instituida e arrastando-se em meio de tribulações de todo o ponto analogas ás que teem permanentemente affligido o nosso regimen demagogico, são o da Republica hespanhola e o da Joven-Turquia. Mas a Republica hespanhola, como a sua congenera portugueza, nasceu com a morte no papo ; e os Jovens-Turcos não tomaram conta do governo senão para consummarem a ruina da patria a golpes de martello maçonico — no que ainda não se sabe se haverá tempo de serem imitados até o fim pela horda de malfeteiros que em Portugal se adornam com as mesmas insignias e obedecem aos mesmos mandos estrangeiros.

Por certo é natural e é frequente que um regimen recém-nascido, ou por virtude da fundação d'uma nova nacionalidade ou d'uma mudança d'instituições, veja a normalisação da sua vida politica precedida d'um curto periodo d'incertezas, de tacteamentos, de sobresaltos. Mas se similhante regimen tem condições de vingar, essa tal desorientação provem exactamente d'uma exhuberancia de vida, que não é senão de bom agoiro para a nova organização politica.

São os conflictos d'ideias e de principios, são os desaccordos de homens que representam correntes politicas definidas, activas e igualmente impetuosas, são as juvenis irreductibilidades d'aspirações e de processos, é a profusão de « salvadores » agitando planos de governo com um enthusiasmo e uma obstinação que podem por vezes mover ao sorriso, mas que na sua ingenua boa-fé não deixam de ser respeitaveis, nem tambem de produzir, a seu tempo, fructos optimos.

Tal não é porém o caso da Republica portugueza,

que nunca padeceu de *excesso*, mas de *falta*. Não é um regimen moço e plethorico, é um enfermo de cachexia congenita.

A Revolução Franceza nasceu entre abraços, canticos festivos, expansões fraternaes, pensou redimir a Humanidade e antes de derramar toneladas de sangue verteu rios de lagrimas enternecidas, em accessos de sensibilidade quasi morbidos ; isto acontece em quasi todas as convulsões dos povos, mesmo n'aquellas a que se preparam os mais sombrios desfechos.

Nado d'isso teve a Republica portugueza, como feita por um bando d'aventureiros para satisfação dos mais pantagruelicos appetites e dos instinctos mais vis d'um populacho onde domina, sem disfarce, a criminalidade commum. Nao lhe marcou o inicio nenhum d'aquelles movimentos collectivos d'abnegação e de generosidade, nenhum d'aquelles *élans* quasi mysticos, de patriotismo e de sacrificio, que costumam acompanhar estes successos, e no meio dos quaes se faz tanta tolice encantadora e se clamam e applaudem tão adoraveis ingenuidades.

O que houve, ás primeiras horas do triumpho, foi a tal voz registada pelo snr. Theophilo Braga — *Isto agora é nosso, nós tambem queremos comer!* — e não se ouviu mais senão um barulho formidavel de mandibulas, interrompido amiude por clamores de vingança, de chácina e de morte.

Os odios entre as facções explodiram mais tarde, originados no conflicto da vaidade dos chefes, e transmittidos ás respectivas clientelas sob a forma simplista de rivalidades de gamella. Não se viu nem ha de ver-se na Republica o conflicto de principios, pela singelissima razão de que no regimen ninguem tem principios, nem planos de governo.

« Evolucionistas » — o que quer dizer? A primeira coisa que teria a fazer em Portugal um *republicano evolucionista* — isto é, um homem que vê na evolução das formas politicas o caminho para a Republica e que quer a Republica pela evolução — era regressar á Monarchia, promover a educação politica do eleito-

rado, depois fazer entre elle a propaganda republicana e procurar colher seguidamente os fructos d'essa propaganda. De resto, era este procedimento o que poderia harmonisar-se com as confissões do snr. Antonio José d'Almeida, o qual — depois de ter presidido como ministro do Interior a umas *eleições* que deram á Republica não só a *totalidade dos eleitos* mas a *unanimidade dos eleitores* — tem uma e muitas vezes declarado no seu jornal, com a mais ingenua inconsciencia ou o mais desbragado cynismo, que « o paiz não está ainda republicanisado », podendo quando muito considerar-se « republicanisavel ».

O que ha porém na Republica não é *evolucionistas*, termo que de resto não corresponde nem ao temperamento e á mentalidade do chefe, nem a qualquer seu programma de governo ; o que ha é *almeidistas*, quer dizer, um grupo de pequenos ambiciosos de honrarias ou de proveitos, adstrictos sem restricções de processos politicos ás satisfações d'outra vaidade maior, que é a do snr. Antonio J. d'Almeida.

Que significa « partido democratico » ou « partido republicano portuguez »? Significa, em qualquer dos casos, um titulo empalmado, como convém a um agrupamento de que é capitão o snr. Affonso Costa — pois todos os demais se consideram igualmente republicanos e democraticos, não o sendo afinal nem uns nem outros. Mas o que ali ha na realidade é o *affonsismo*, quer dizer uma turba-multa ligada por affinidades d'interesses ou por uma analoga ausencia de senso moral áquelle energumeno, e disposta a segui-lo e a secundal-o quaesquer que sejam os seus pensamentos de governo, que elle de resto ainda não revelou, evidentemente por os não possuir. Do mesmo modo o « unionismo » não é, no caso, mais do que uma palavra vasia, sem sentido ligado a qualquer objectivo de governo ou a alguma norma de conducta politica, não havendo na Republica senão um grupo — o dos *selvagens* — cuja designação não só corresponde, com effeito, ao modo de ser politico de quem n'elle entra, como synthetisa fulgurantemente o do regi-

men, a cujo conjuncto deveria legitimamente estender-se.

Se por um lado, pois, a Republica não tem principios, tambem por outro lado não tem partidarios. O que ali se denomina « partidos » não é na verdade, senão uma serie de reduzidas clientelas, quasi só limitadas a Lisboa e Porto, sommando alguns, poucos, milhares de individuos em geral da peor estofa, e levando uma vida effervescente, allucinada, febril, entre a indifferença, o desprezo ou a hostilidade do paiz, a cujo organismo a Republica é um corpo alheio como um kisto.

E se a tudo isto juntarmos a archiprozada ineptia dos politicos do regimen, já todos experimentados e corridos desde os tempos do governo provisorio, as razões principaes da inviabilidade da Republica apparecem aos olhos dos menos argutos, em toda a sua pujança irremovivel.

Não está na composição da camara, não, a causa do que chamam a *crise politica* do regimen, e que é na realidade uma enfermidade chronica, insanavel e mortal. A composição da camara não é uma *causa*, é um *effeito* e um *symptoma*, como a immobildade dos membros não é a causa da paralyisia. Constituam um governo partidario, deixem-lhe fazer as eleições supplementares pelos processos de que o snr. Antonio J. d'Almeida já deu provas e de que o snr. Affonso Costa é igualmente capacissimo, arranjem por esta forma uma maioria nitida na camara — e todos nós podemos apostar que continuarão patinhando depois d'isso no mesmo *gâchis*, na mesma dementada desorientação e na mesma ridicula impotencia em que se estorcem presentemente.

Um regimen vigoroso e fadado para viver não se encontra no praso de dois annos com todos os seus politicos liquidados, nem se vê constrangido a organizar dentro d'um anno tres ministerios chamados « constitucionaes » com as insignificantes figuras que a Republica tem sido forçada a collocar á frente dos seus governos.

Quando, ao iniciar-se a era denominada « constitucional », a Republica deu á torneira dos seus homens d'Estado, sahiu de lá em primeiro logar... o snr. João Chagas; depois do snr. Chagas saiu... o snr. Augusto de Vasconcellos; e em seguida a este pobre patarata o que correu foi... o snr. Duarte Leite.

Ora quando ao abrir-se uma pipa ella não deita cá para fóra senão bôrras, signal segurissimo é de que não ha lá dentro vinho capitoso...



“**Vae misero** E' este snr. Leite — que se retira
cavallo agora do poder depois de o haver ver-
lazarento...” gonhosamente occupado, ou ob-
struido, durante seis mezes — uma das mais assigna-
ladas nullidades entre o pessoal politico do regimen;
se é que, nas successivas remontas d'insignificantes
que ali teem exercido o governo, algum ha que se
distinga dos restantes por estas razões d'incompe-
tencia e parvulez.

E' licito duvidar de que haja um dia algum histo-
riador que ao passar pelos olhos o periodo actual da
vida portugueza julgue util descer dos aspectos geraes
e dos factos salientes ao estudo das personalidades
inferiores e dos pormenores d'esta farça, com laivos
de tragedia e porventura com desfecho catastrophico.
Mas se em qualquer tempo viér a apparecer um
maduro bastante desoccupado e bastante paciente
para se entregar a esse delicado trabalho de micro-
historiographia, uma coisa que ha de dar com elle
em doido é a investigação dos motivos determinantes
do chamamento dos tres individuos, que até agora
teem representado o papel de presidentes de minis-
terio na Republica constituida...

Por que cargas d'agua — ou d'azeite — foi encar-
regado um dia de formar governo o snr. João Chagas,
escriptor mediocre, consagrado ignorante encyclo-
pedico, totalmente alheio a questões publicas de

qualquer natureza, figura inteiramente secundaria no seu partido, que aliás as não tem dignas de nota e que todavia nunca lhe confiou sequer um mandato de deputado ou um diploma de vereador municipal — e ainda por cima desprovido de toda a respeitabilidade pessoal, tendo conseguido ser um homem desacreditado n'um meio moral onde o snr. Affonso Costa é chefe de partido e o pilha-cartuchos do coronel Barreto chegou a ser lembrado para a Presidencia da Republica?

A que proposito surgiu depois n'esse mesmo posto o snr. Augusto de Vasconcellos, pobre diabo destituido de qualquer restea de senso politico, ou common, vivendo n'uma lucta movimentada e pittoresca para se tornar patife, e sem conseguir passar de patifete — e não tendo jamais representado na vida publica senão o seu humilhante papel no ministerio dos estrangeiros, como uma especie de dynamometro onde o corpo diplomatico experimentava muros, e o intermedio comico de Madrid, onde para sempre ficou famoso, *El Inocente*, pela sua inverosimil inconsciencia do grotesco?

E este « intellectual » Leite, tão profundamente admirado pelo snr. Brito Camacho... o *José Luciano da Republica?*...

O « intellectual » Leite era, como toda a gente sabe, um mau professor d'astronomia no Porto, que não consta tivesse jamais abordado com conhecimento de causa qualquer assumpto d'administração ou de politica, e que, no reduzido circulo de pessoas que tinham conhecimento da sua apagada individualidade, passava por maluco. — « Ha lá na nossa terra (informavam alguns portuenses quando vinham á capital) um republicano que não é tolo, chamado Duarte Leite ; mas é maluco. » — O futuro porém havia d'encarregar-se de mostrar que o sujeito era menos maluco do que tolo, e além da inepecia e da maluqueira offerencia á consideração publica outros predicados menos inoffensivos.

Todos se lembram de como o snr. Duarte Leite

deixou precipitadamente o ministerio das Finanças, de que foi titular ephemero no governo de *El Inocente*, sob pretexto de que não se podia administrar o Thezouro Publico emquanto estivesse de pé a depredadora legislação do *provisorio* e tambem de que, em todo o caso, nunca elle Duarte Leite, homem de bem ás direitas, consentiria em apresentar um orçamento que não fosse a expressão sincera, mas por isso mesmo perigosamente alarmante, das verdadeiras circumstancias financeiras do paiz.

Claro que tudo isto não passava d'uma aldrabice, destinada a disfarçar a *vertigem da incompetencia* que o assaltou a elle no ministerio das Finanças, como assaltou o snr. João Chagas na presidencia do governo, fazendo-o abalar para Paris sem tomar folego, e como tem affligido, por exemplo, o snr. João de Menezes, obrigando-o a saltaricar de cargo para cargo e de commissão para commissão, para immediatamente lhes fugir não digo que a sete pés, mas pelo menos, e sem favor, a quatro. O caso é que esquecidas as agonias d'aquella primeira tentativa, ou mordido de novo o snr. Duarte Leite pelo bichinho da vaidade, a breve trecho ahi o tinhamos presidente do conselho, não só para engulir a maior parte dos diplomas esbanjadores do *provisorio*, mas para perpetrar ou perfilhar falcatruas administrativas das mais notaveis que possam ter illustrado algum dia a historia d'um regimen de banditismo sem mistura.

O que logo deve ter feito presentir ao paiz a especie de desvergonhado com que tinha de haver-se. E se o presentiu não se enganou no palpito.

Se administrativamente o governo do snr. Duarte Leite foi uma monotona sequencia do regimen d'esbanjamentos, d'escandalos, de corrupção, de favoritismo sem escrupulos, que vem desde o primeiro dia do governo *provisorio* e é caracteristico inseparavel da Republica ; se sob o ponto de vista das finanças e da economia nacional estes seis desgraçados mezes que acabam de passar fôram, como os antecedentes, uma doida galopada para a ruina e para a morte, sem

que do grupo d'imbecis figurando de ministros surgesse uma iniciativa, efficaz ou não, mas reveladora ao menos da consciencia do perigo e da intenção de o evitar — no que respeita á politica é difficil imaginar coisa mais mesquinha do que o papel representado pelo insigne palinodias que acaba de liquidar em meio da irrisão e do desprezo dos seus proprios correigionarios.

Chamado para organizar um gabinete, sahido d'uma supposta *concentração*, que na realidade nunca existiu, não se pejou o triste policastro amator d'atravessar um periodo de seis mezes com uma *cégada* de ministros, a cada passo publicamente desauctorisados, como elle proprio, todas as vezes que os seus respectivos partidos se agatanhavam e esfaqueavam uns aos outros, parlamentar e extra-parlamentarmente, a proposito d'assumptos fundamentaes d'administração ou de politica, a até de actos concretos do mesmo governo... *concentrado*. Maior do que o impudor dos ministros, que apesar de tudo isto continuavam gerindo as suas pastas, só a desfaçatez d'um chefe de governo, que em tão deprimentes condições não tem um rebate de brio para pôr termo a uma existencia ministerial privada assim, não só de todo o prestigio mas até mesmo de toda a razão de ser ; e que ao contrario se deixa andar, como boneco de sabugo, jogado hoje pelo snr. Brito Camacho, vexado amanhã pelo snr. Affonso Costa, depois esmurraçado pelo snr. Antonio J. d'Almeida, n'uma consciente submissão e n'uns extremos d'insensibilidade, que não se vê como possam conciliar-se mesmo com o mais leve vislumbre de dignidade pessoal.

Mas por outro lado, e como é da logica dos feitios assim, não houve nem mais timido e subserviente servidor da escumalha das ruas, nem mais odiento e desprezível fanfarrão para todos aquelles que estando opprimidos não podiam immediatamente dar-lhe o troco. São duas manifestações differentes da mesma psychologia de medroso.

Sob o seu governo attingiu a desordem demago-

gica, a tyrannia da ralé, limites que não fôram excedidos nem mesmo quando no tempo do governo provisório, pouco depois de proclamada a Republica, o snr. Affonso Costa no ministerio da Justiça organisava com a sua malta as conhecidas e repetidas manifestações da *colera popular*.

A pilhagem dos jornaes monarchicos pelas hordas açuladas por aquelle fibusteiro não vale mais como symptoma d'anarchia e de desorganisação social do que o assalto aos contribuintes que na Associação d'Agricultura se preparavam para levar ao parlamento a sua representação contra uma lei d'impostos. E o regimen de terror imposto pela canalha, de attentados de toda a ordem contra as pessoas e as propriedades, de ignorancia completa do principio d'auctoridade, de prisões de *suspeitos* a capricho de todo o malandrim que pela provincia fóra se declara republicano, nunca foi mais florescente do que sob o governo d'este banana que de vez em quando preferia no parlamento umas cautas meias-palavras depreciativas da *rua*, para logo se lhe ir metter debaixo dos pés como o mais timorato fraldiqueiro.

Porém se todas as brutalidades, todas as violencias e todos os crimes das hordas carbonarias, que teem cavallo-marinho, encontravam na cobardia d'este figurão a mais segura garantia da impunidade — ai dos estudantinhos do lyceu que offendessem por via do *maxixe* a majestade das instituições republicanas, ai das mulheres por mais respeitavel que fosse a sua situação e por mais nobres que fossem os seus actos, ai dos offendidos que pedissem justiça e defesa sem o appoio d'uma ameaça digna de credito, ai da imprensa que não pudesse fazer-lhe medo, ai dos presos encerrados no fundo das masmorras, ai de todos os fracos, ai de todos os indefesos, ai de todos os que não logravam levantar-lhe arrepios na espinha-dorsal !

A esses reserva-se, o irrisorio farrabraz, o tyrannete por pavor, para lhes pedir misericordia no dia não longinquo em que os opprimidos d'agora lhe

forem tornar effectiva a sua parte de responsabilidade nos crimes, nas violencias e nas infamias de que os tornou victimas...

E depois d'estas degradantes humilhações perante a demagogia — á qual se propunha a dar combate com o arreganho d'um general Boum — consegue ao menos merecer os enthusiasmos da jacobinagem truculenta e rancorosa, já que da parte dos homens de bem não logrou senão a mais accentuada e legitima repugnancia? Não ; nem isso — e ahi está a ultima prova, cabal e provada, da sua insondavel inepecia politica.

Este demagoguete d'infima plana ainda não havia deixado o governo, e já os outros o tinham esquecido — como trapo velho que se deita fóra depois de servir sem que ninguem se importe de saber onde é que vae parar.

No « senado », á sua exposição das razões da crise respondeu com meia duzia de baboseiras... o denunciante José de Padua. Na camara dos « deputados » nem uma voz se ergueu para responder aos seus adeuses.

Desappareceu da politica como uma horsa estafada que se deita á margem, em meio do tumultuar d'outras ambições e d'outros interesses. Nunca teve mais opportuna citação o estro de Tolentino :

Vae, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente!
Não percas tempo emquanto t'o consente
De magros cães famintos ajuntamento!...



Sobra um pé No « senado », um dia d'estes, um « senador » explicava, perante o paiz ancioso, as razões da sua posição extra-partidaria :

— Os partidos, snr. Presidente, são tres botas, que não podem servir para os meus pés...

Evidentemente. Mas porque não manda fazer a quarta?

ANNIBAL SOARES.

As prepotencias absolutamente sem precedentes, commettidas ultimamente no Porto contra a *Chronica do Exilio* e contra os seus leitores, bem como as que visaram a *Palavra*, nem pelo amor dos principios e por precaução de defesa propria lograram provocar o minimo reparo da generalidade da imprensa, mesmo da chamada imprensa independente.

Isto está bem na logica da attitude miseravel que o jornalismo portuguez, no seu conjuncto, tem guardado em toda a actual crise das liberdades publicas e da propria vida nacional; e justifica plenamente o desprezo que de longa data lhe votam os politicos de todos os partidos, e, mais de que os politicos, o paiz.

A *Chronica* presta a sua homenagem aos raros jornaes que, como a *Nação*, *Dia*, o *Correio* e o *Grito de Povo*, se insurgiram contra aquellas estupidas violencias, agradecendo-lhes assim como ao *Povo d'Aveiro no Exilio*, as benevolas palavras com que n'esse ensejo se referiram ao redactor d'esta publicação.

Aproveitando a occasião, protestamos tambem o maior reconhecimento aos nossos confrades estrangeiros *L'Univers*, *Correspondencia d'España*, *A. B. C.*, *El Universo*, que mais d'uma vez teem sido amaveis para a *Chronica do Exilio*.

A. S.

